

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?- REVOLUÇÃO
3 de Setembro de 2024

COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES / 1976

Um filme em 12 partes de Marceline Loridan e Joris Ivens

Episódios a exhibir:

La Pharmacie nº3: Shanghai e Histoire d'un Ballon, le Lycée nº31 à Pekin

Realização: Joris Ivens e Marceline Loridan / Direcção de Fotografia: Li Tse-Hsieng e Yang Tse Zu / Montagem: Suzanne Baron, Sylvie Blanc, Eric Pluet e Ragnard van Leyden.

Produção: CAPI Films – INA / Produtores: Joris Ivens e Marceline Loridan / Cópias em dvd, coloridas, com comentário “off” em francês e inglês e legendagem electrónica em português / Duração total: 763 minutos. Duração dos episódios a exhibir: **La Pharmacie nº3: Shanghai** (78 minutos) e **Histoire d'un Ballon, le Lycée nº31 à Pekin** (18 minutos); Inédito comercialmente em Portugal. Exibido pela primeira vez no nosso país na Cinemateca, em Abril de 1983.

Comment Yukong Déplaça les Montagnes é a mais monumental, porventura a mais ambiciosa, das obras de Joris Ivens e Marceline Loridan. Com boas razões, é frequentemente descrita como um “fresco” ou como uma “pintura mural”, metáforas adequadas aos propósitos da dupla de cineastas: chegar a um retrato de um país imenso como a China num determinado e muito preciso momento da sua história (os anos da Revolução Cultural), cobrindo vários locais e múltiplos pólos da sua sociedade. Rezam as crónicas que o impulso foi dado por Chu En Lai, a quando de uma visita dos cineastas a Pequim em 1971, que teria então dito a Ivens que ele tinha que voltar mas “com uma câmara”. A sugestão ficou a trabalhar os espíritos de Ivens e Loridan, que acabaram por abandonar os projectos em que então imediatamente pensavam e voltaram à China, em 1972, levando a câmara, com a intenção de ficarem algum tempo (3 ou 4 meses) mas sem imaginarem que iam ficar tanto tempo como ficaram (18 meses). O que começou por ser uma “visita à China” transformou-se numa experiência de vida na China, e este factor – ou a “imersão” que ele implica – é naturalmente um dado fundamental (e, digamos, visível, perceptível dentro do conjunto de filmes) para que **Yukong** seja o que é e como é. Ivens e Loridan voltaram a França no Verão de 1974, trazendo mais de 150 horas de material filmado. Durante mais de um ano trabalharam na montagem e **Comment Yukong Déplaça les Montagnes** foi finalmente apresentado em França em 1976, na sua estrutura final de 12 episódios dividida em 4 “programas” (portanto, em 4 sessões), perante o entusiasmado generalizado da crítica e – o que, visto

de hoje, é realmente extraordinário – do público: estima-se que a exibição francesa de **Yukong** tenha seduzido cerca de 300 mil espectadores, 200 mil deles só em Paris...

Evidentemente, o clima político e intelectual da Europa da época, em que muitos viviam em idílio com o Maoísmo (Louis Marcorelles chamou ao filme um exemplar de “maoísmo cinematográfico”, e pretendia com isto exprimir o maior dos elogios) propiciou tal entusiasmo. **Yukong** seria uma verificação, no terreno e em total proximidade, da Revolução Cultural não apenas como abstracção ideológica mas, sobretudo, como algo interiorizado e vivido (e portanto, realmente aceite) pelas mais variadas camadas da população chinesa. Não eram os dirigentes a falar, era o povo a tomar a palavra, no momento em que também tomava a acção – e em tudo isto, em toda a espontaneidade inerente, encontrava-se também uma medida de liberdade. (Mesmo que essa espontaneidade seja, em última análise, a causa directa do “não-reconhecimento”, quando não mesmo da hostilidade, que as autoridades chinesas imediatamente votaram a **Yukong**).

Vamos ver apenas dois episódios, na certeza de que o que vamos ver é significativo e, mais ainda, de que a força de **Yukong** não depende exclusivamente da acumulação – cada episódio tem uma identidade própria, uma unidade perfeitamente dominada, e isso verifica-se mesmo nos episódios curtos como a **Histoire d’un Ballon**, espécie de “filme-investigação” sobre um pequeno incidente sucedido num liceu pequinense, que retira toda a sua força da franqueza e da candura dos testemunhos para chegar em 20 minutos a uma reflexão (digamos, “aberta”) sobre os temas da disciplina e das hierarquias. Encontrar “unidades” (unidades de lugar, sobretudo) foi, de resto, uma preocupação que norteou a organização do “fresco” e dos seus 12 “painéis”. Nesse sentido, um dos episódios mais poderosos será o da **Pharmacie n°3** de Xangai. Porque (e duma maneira que não está longe de lembrar o “método Wiseman”) a farmácia é, naturalmente, uma “porta giratória”, um lugar fixo mas sempre em entradas e saídas, frequentado por todos os tipos de gente – e todo este vai e vem de gente, os que trabalham na farmácia e os que são seus clientes, traz um pulsar da vida quotidiana que é absolutamente genuíno, seja quando a câmara de Ivens e Loridan se limita a “observar” seja quando se decide a “interpelar”. (O momento da discussão sobre os contraceptivos é, a todos os títulos, extraordinário)

Mas tudo isto releva, em derradeira análise, de uma atitude ética, da parte dos cineastas, absolutamente coerente – e mesmo esta visão parcelar encontra, digamos, um reflexo dessa coerência total. Não importa quanta simpatia Ivens e Loridan sintam pelo momento social e político em que mergulham; importa que se aproximem dele com uma curiosidade de investigador, em busca de “confirmações” mas sempre abertos a deixarem-se surpreender. E depois, no plano estético, todos aqueles pequenos “éclats”, como o fecho da **Pharmacie**, com as ruas molhadas, as bicicletas e os guarda-chuvas, impressão melancólica mas “feliz” de um quotidiano *para além* de todas as conjunturas.

Luís Miguel Oliveira